



Roziner Guimarães¹

Resumo: Este artigo tem por objetivo discutir o perfil do professor e do aluno no ensino superior. Para tanto, as discussões são efetivadas a partir de experiências pessoais ocorridas em sala de aula. Essas experiências revelam que a maioria dos alunos, no ensino superior, desconhece seu papel de educando e o professor, seu papel de educador, o que acaba gerando insatisfações, angústia e, conseqüentemente, no caso do professor, vontade de desistir da profissão; no caso do aluno, apatia e pseudoaprendizagem.

Palavras-chave: ensino superior; perfil do professor; perfil do aluno.

Abstract: This paper aims to discuss the profile of the teacher and student in Higher Education. Thus, the discussions are carried out through personal experience occurred in classroom. These experiments show that the majority of students and teachers in Higher Education do not know their roles as students and as educators, thereby generating dissatisfaction and distress. It may lead teachers to have a desire to quit the profession and students to show apathy or have pseudo-learning.

Keywords: higher education; teacher's profile; student's profile.

¹ Professora das Faculdades Unidas do Vale do Araguaia, em Barra do Garças-MT. Mestre em Educação. E-mail: rggvida@hotmail.com

Introdução

Hoje, domingo, estou aqui, sentada no computador preparando minhas aulas para a próxima semana. Leio um texto. Leio outro. Procuro eslaides, músicas, algo diferente que me possibilite tornar mais claro e mais significativo para meus alunos os conteúdos que devo ministrar. De repente, dou de cara com o texto “Só de sacanagem”, escrito por Elisa Lucinda e lido por Ana Carolina em um de seus shows. O texto começa assim: “Meu coração está aos pulos! Quantas vezes minha esperança será posta à prova? Por quantas provas terá ela que passar?” Embora conhecesse já o texto, aquelas perguntas, naquele momento, ganharam um novo tom e me fisgaram como se eu fosse um peixe desavisado caindo no anzol. Nem percebi mais o texto de Lucinda. Fiquei imaginando minhas salas de aula. E meu coração ficou aos pulos. Lembrei-me de que, apesar da paixão que sempre senti pela sala de aula, senti desejo de desistir de ser professora. Culpa do texto de Lucinda? Não. Culpa, se é que existe um culpado, ou melhor, se é que se pode falar em culpa pelo não prazer de alguém, a culpa era de minha insensatez. Sim, repito: culpa de minha insensatez.

Parei de preparar as aulas e comecei a redigir este artigo. E, mesmo que pareça estranho à primeira vista, meu objetivo é trazer à tona, já que estou me sentindo um peixe fisgado, palavras como insensatez, desejo e paixão. Por ora, não sei bem quem é o pescador: se eu ou se você, que, por desaviso, poderá ser fisgado também. Mas isso, neste momento, pouco importa. O que verdadeiramente importa é fazer caber em palavras o sentimento que vem aflorando em mim há algum tempo e que talvez só agora, ao me deparar novamente com o texto de Lucinda, eu o tenha percebido em sua inteireza. Preciso falar de minha agonia... Preciso falar de minha esperança... É essa agonia esperançosa me leva a pensar que ela não é só minha. Penso: ela é “nossa”. Minha e sua. Mas não pense, caro colega professor, que escolhi você como meu leitor. De maneira nenhuma. Entretanto, sei bem esse artigo também cairá em suas mãos e aí você poderá buscar, junto comigo, alternativas para essa agonia. Na verdade, se eu pudesse

escolher, meus leitores seriam os alunos. Delongo, pois, porque objetivo fisgá-los. E nada mais funcionaria como isca, sem anzol, do que um relato recheado de consciente subjetividade. Nunca escrevo à toa.

Talvez eu não saiba, por isso, como fazer caber em palavras o que eu aqui preciso escrever, afinal, este texto deveria ser puramente científico, mas estou certa de que essas três palavrinhas: insensatez, esperança e desejo (paixão), embora traduzam simplesmente emoção, servem de emblema para meu discurso. Não tenho dúvidas do que irei escrever, afinal, tenho estudado o assunto e o vivido diariamente. Todavia, como tenho consciência de que, em todo relato, o redator pode ser traído pela sua subjetividade, pode ser que algumas das discussões aqui feitas sejam colocadas à prova. Entretanto, se essas ideias servirem, pelo menos, para abrir uma discussão acerca do tema, terá valido o risco. É então como um peixe fisgado que adentro as águas turvas da minha insensatez.

A INSENSATEZ - retrospectiva em busca de respostas

Houve um tempo em que eu, professora especialista, não conseguia entender o porquê de alguns alunos dizerem: “Português é uma matéria chata” ou então “Odeio Português”. Procurei respostas para essas afirmações que tanto me inquietavam. Li, refleti, escrevi. Não satisfeita, saí para o mestrado em 2002 e voltei minha pesquisa para o cotidiano de aulas de Português no cenário de quatro salas de aulas do ensino médio regular em Barra do Garças. Em minha pesquisa, constatei que o aluno realmente tinha razão em dizer que “Português é uma matéria chata”, afinal, se o *texto deve ser o centro do ensino de Língua Portuguesa*, como preconiza a nova crítica ao ensino da língua materna, e se a maioria dos professores de português ainda insiste em trabalhar a língua de forma descontextualizada, como querer que o aluno passe a gostar dessa disciplina? Realmente “Português é uma matéria chata”, porque é “chato” debruçar-se sobre paradigmas verbais ou outros paradigmas fora de moda.

Agora, depois de sete anos do término do mestrado, encontrei-me, além de inquieta, com vontade de desistir da

sala de aula. Não porque alguns alunos continuem com aquele antigo discurso, isso eu sei como sanar. Mas porque me deparo com alunos que, apesar de perceberem as suas dificuldades com a leitura e a escrita, não leem nem os textos que o professor leva para a sala de aula. Não reconhecem seu papel de sujeito da aprendizagem e pensam que, num passe de mágica, o professor será capaz de “abrir a cabeça” deles e colocar ali dentro o conteúdo. Demonstram total falta de entusiasmo para com os estudos. Total descompromisso com a educação formal e informal. O professor Moisés José Bueno, em *Diálogos e conflitos: professor-aluno no ensino superior*, discute que existem alguns conflitos para que o diálogo entre professores e alunos no ensino superior possa ser efetivado. Dentre eles, ressalto uma questão que entendo fundamental: a falta de embasamento teórico e a não vontade de aprender dos alunos. Diz ele:

o professor imagina aprofundar um determinado tema. Ao tentar fazer essa peripécia ele se esbarra com pelo menos três situações: 1) Os alunos não estão embasados o suficiente. Então em vez de aprofundamento, o professor tem de iniciar dando conceitos básicos, os quais deveriam ter sido lapidados no ensino médio, mas ali também não foi possível porque a educação fundamental e básica foi ineficaz; 2) Os alunos não gostam, não querem, não sabem e não conseguem ler. Começa com a falta de livro, vai para a falta de tempo, passa pela dificuldade de compreender a leitura e ajunta-se na ojeriza à leitura. Não há ensino superior que consiga deslanchar-se sem bom embasamento teórico do qual a leitura é um dos pilares essenciais; 3) Os alunos não querem aprender. (<http://br.monografias.com/trabalhos908/dialogos-e-conflitos/dialogos-e-conflitos.shtml>)

Essa ausência de embasamento teórico e de desejo de aprender faz com que surja outra situação conflitante, que é a questão do diálogo. Sobre esse ponto, Bueno assevera que:

O professor tem intenção de promover o diálogo. Entretanto, as concepções e experiências de diálogo parecem ser tão diferentes entre alunos e professores que parecem ser idéias inconciliáveis. O professor pode até ter uma noção de diálogo como fala, escuta e busca comum de soluções. O aluno pode estar querendo uma espécie de diálogo onde ele seja ouvido, mas de uma forma que as coisas lhe sejam bem mais favoráveis e cômodas. O diálogo do acadêmico ainda está muito imbuído da "lei de Gérson". Não que a idéia de diálogo do professor também seja sempre democrática. Mas, em geral, está ficando difícil implantar algum tipo de diálogo em sala de aula. O professor tem que ter muita habilidade porque ou ele parte para o autoritarismo ou ele abraça o laxismo acadêmico, onde prevalecem as exigências acadêmicas de facilidades e comodidades. Ficar no meio não está nada fácil. (<http://br.monografias.com/trabalhos908/dialogos-e-conflitos/dialogos-e-conflitos.shtml>).

Como se vê, essa preocupação com o aluno no ensino superior não é só minha; alguns pesquisadores, na tentativa de orientar a ação do docente para melhorar a qualidade do processo educacional, têm investigado a razão do desinteresse dos alunos. Diz Costa, no resumo de sua dissertação de mestrado, intitulada *As concepções dos alunos do ensino superior sobre o processo de ensino e aprendizagem*:

O interesse por pesquisar o aluno surgiu da constatação de que alguns denotavam uma postura aparentemente passiva frente à sua formação intelectual e profissional e que não lhes possibilitava uma concepção de aprendizagem diferente e capaz de oportunizar melhores relações entre o já conhecido e o dado a conhecer. (http://www.biblioteca.pucpr.br/tede//t_d_e_b_u_s_c_a/arquivo.php?codArquivo=365).

Como se percebe, diferente são os desafios enfrentados pelos professores no ensino superior e, ao lado desses desafios, existem outros, por exemplo: muitos talvez nem saibam o valor de um sorriso... Palavras como “muito obrigado”, “por favor” ou “dá licença” não fazem parte do dicionário de muitos deles. Ademais, há um total desrespeito pelo professor, o qual, para alguns, não passa de um funcionário pago para lhe “dar conteúdos e boa nota”. Pelo menos é o que me leva a pensar quando ouço frases assim: “Professora, eu pago caro por este curso e tiro uma nota dessa?”, “Professora, não posso ficar de dependência, você tem que me ajudar”. Todavia, em sala de aula, eles pouco aparecem e, quando estão presentes, distraem-se com conversas com os colegas, copiam os trabalhos e entregam com a “cara mais deslavada” para o professor “corrigir”. Que consciência esses alunos têm de educação? Esse é um ponto que, em minhas buscas, não consigo parar de pensar. Mas há outros.

Há poucos dias, antes da prova, um aluno me perguntou: “Professora, você não vai fazer um resumo pra gente estudar pra prova?” Meu Deus! Resumos? Para alunos do ensino superior? Que educação é esta que estamos trabalhando em sala de aula? Que noção de faculdade tem esses alunos? Isso me decepciona. Desilude-me. Deixa-me triste. Ensimesmada... Com vontade de desistir da sala de aula, que sempre me encantou. Entretanto, apesar da decepção, tenho procurado estratégias que viabilizem uma aprendizagem significativa. Tento despertar neles o gosto pelo estudo. Levo piadas, crônicas, poemas... Isto é, sirvo-me também de textos literários para ver se meu aluno se

interessa pelas práticas de leitura e escrita, afinal, como afirma Morin (2000, p.54):

Cada qual contém em si galáxias de sonhos e de fantasmas, impulsos de desejos e amores insatisfeitos, abismos de desgraças, imensidões de indiferença gélida, queimações de astro em fogo, acessos de ódio, desregramentos, lampejos de lucidez, tormentas dementes [...].

Em outras palavras, o texto literário talvez evoque no aluno o desejo de ser criador ou criatura do que lê. Mas, por mais que eu busque, para alguns alunos, tem sido em vão essas tentativas. O texto grita por eles, clama, reclama e eles ali inertes, sem perceber as malícias, a sedução que do texto emana. Raros são os que verdadeiramente se debruçam sobre ele e conseguem “fazer amor com as palavras”. E aí vai nascendo em mim um desassossego, uma angústia sem fim ... que acabou culminando em insensatez². Abandonar a sala de aula era minha única vontade. Eu, que sempre busquei novos rumos, novos horizontes, tentando uma aprendizagem mais significativa, via-me sem vontade alguma de estar ali.

Esses e outros motivos me tornaram insensata a ponto de eu querer desistir da minha profissão. Mas como abandonar a sala de aula? E meu encantamento por ela? Quando eu percebi minha insensatez, eu me perguntei: “O que fazer?” Não obtive resposta naquele momento; a única coisa que eu percebia era meu desencantamento. Mas, assim como “o amor pode nascer de uma simples metáfora” (KUNDERA, 1985, p.16), eu esperava que esse desencantamento um dia pudesse se dissipar...

A ESPERANÇA - vivendo o presente em busca de respostas

E, agora, ao me deparar com o texto de Lucinda, só de sacanagem decidi escrever este artigo. Só para sacanear com esses alunos descompromissados e, quiçá, mostrar a

² “Insensatez” deve ser lida aqui como sinônimo de delírio, alucinação, loucura.

eles que é preciso e urgente adquirir o perfil de acadêmicos, do contrário, eles não terão, no futuro, sobre o que conversar nem do que rir. Preciso mostrar que meu desejo “de ensinar” não será apagado pelo descompromisso deles em aprender. Só de sacanagem vou corrigir com mais afinco os textos e provas deles. Não para atribuir uma nota baixa, mas para que eles percebam que tenho compromisso com a educação e que eles precisam, de fato, assumirem-se como alunos que são. Que não me deixo abater pelo desrespeito deles. Nem me quedo na indiferença com que eles veem a vida profissional que os aguarda fora dos muros da faculdade.

Só de sacanagem, meu olhar, contrastando com o olhar indiferente de alguns deles, ganhará um novo brilho. Só de sacanagem, ele poderá até dizer que não entendeu o recado ou que não está nem aí para mim. Só de sacanagem, vou rir de sua ignorância. Foi mesmo só de sacanagem que resolvi escrever este texto, porque, como bem escreveu Lucinda, “com o tempo a gente consegue ser livre, ético e o escambau”. Se eles ainda não aprenderam, deverão aprender.

Alguns alunos (ou mesmo meus colegas de profissão) podem até dizer: “É inútil, esse tipo de aluno é assim mesmo: acha que pagou passou. Ou que, se está pagando, o professor tem obrigação de dar a ele uma nota alta”. De novo, o texto de Lucinda ecoa em meus ouvidos: “todo o mundo aqui é corrupto, desde o primeiro homem que veio de Portugal”. Será? Assim como ela, “Eu direi: Não admito, minha esperança é imortal. Eu repito, ouviram? IMORTAL! Sei que não dá para mudar o começo, mas, se a gente quiser, vai dar para mudar o final!”.

Por isso, aqui estou eu, em pleno domingo de sol, preparando aulas para a próxima semana. Minha paixão pela educação é maior do que o olhar vazio daquele aluno no canto da sala. Minha voz é mais eufônica do que a algazarra daquele grupinho de alunos que teima em não perceber que está prejudicando a si mesmo e aos colegas conversando em alto e mau som no instante em que estou explicando. Meu compromisso há de se contrastar com o descompromisso deles.

Se, por um instante, eu quis desistir da sala de aula, foi porque foquei minha atenção apenas na imagem

daqueles pobres alunos: Vi, num canto da sala, um deles de olhar agressivo olhando para mim como se olhasse para um inimigo. Numa outra sala, um grupo de pseudoadolescentes que nem ouvia o que eu dizia. Conversava tão alto e embora eu cruzasse os braços e olhasse firme para eles, continuava indiferente ao meu olhar angustiado. E o que eles diziam nada tinha a ver com o conteúdo daquela aula. Falavam todos ao mesmo tempo.

Perdi a esperança porque eu só via eu, em pleno domingo de sol, presa à tela de um computador com livros e mais livros espalhados pela mesa, nos quais, um por um, eu ia buscando novos textos, que me possibilitassem não só uma aula mais prazerosa, mas também que minimizassem as dificuldades de meus alunos com os conteúdos, com a leitura e com escrita. E o que meu aluno estava fazendo? Quando eu, depois de uma semana, perguntava: “Vocês leram o texto?”. Meia dúzia deles afirmava que sim. O restante sempre arrumava uma desculpa. Um deles me disse: “Professora, não vim na última aula e não sabia que era pra ler esse texto”. Como se isso justificasse a não leitura. Será que ele não sabe que aluno, quando falta à aula, deve recorrer ao colega e pegar com ele o que foi ministrado naquela aula e colocar assim em dia suas atividades? Será que o professor pode ter esse total descompromisso com a sala de aula?

Um outro disse: “Professora, num tive tempo” e continuou se desculpando com afirmações vazias de que trabalha o dia todo e “patati patatá”. E eu, em tom de brincadeira, mas tentando fazê-lo compreender que tempo a gente arruma, perguntei: “O que você faz da meia noite às seis?”. Ele, simplesmente, sem querer entender o que eu dizia, respondeu: “Durmo!” E eu, insistente, mas educada, retruquei: “Então, durma menos e estude mais. Tire um tempo para estudar. Nós fazemos nosso tempo quando sentimos que temos necessidade dele”.

Será que esses alunos não sabem que:

O professor tem a obrigação ética e profissional (para isso inclusive é formado, contratado e constituído como professor) de ensinar aos alunos, o que supõe maior convívio com o saber, com

a razão. A ele cabe a produção e a seleção do saber existente em função dos problemas que a prática [...] apresenta, a definição dos conceitos com os quais irá trabalhar, dos métodos de investigação e de ensino, dos programas, da seqüência dos conteúdos, do processo de avaliação.

O aluno, por sua vez, é alguém que está iniciando seus passos nos caminhos do saber. Embora não seja um neófito por completo, no nível em que a investigação e a reflexão se impõem na universidade, ele não deixa de ser um iniciante, alguém que precisa de orientação firme e segura do ponto de vista da razão. Essa situação confere ao aluno o direito a um ensino realmente universitário, a uma aula de qualidade, a uma formação rigorosa sob todos os pontos de vista e lhe impõe o dever do estudo, da busca, da interrogação; ao professor confere o direito e o dever do ensino. (COÊLHO, 1999, p.89).

Meus olhos perderam o brilho também por isso, porque, por mais que eu tenha discutido com eles as funções do professor e do aluno no ensino superior, parece que eles ou não se dão conta dessa função que cabe a eles ou simplesmente não “estão nem aí” para isso. Continuam dormindo.

Nesse sentido, fazendo um jogo com as palavras, o que proponho é muito simples: Acordar! Se alguns alunos não conseguem abrir os olhos sozinhos, cabe a nós, professores-educadores, e a todos os envolvidos com a educação superior, uma tomada de atitude urgente. Ou eles acordam ou, vou ser bem radical, sejam expulsos da sala de aula. O que não pode é meia dúzia de alunos descompromissados comprometerem a aprendizagem de toda uma turma. Nem torrarem a paciência do professor já tão desgastado, embora apaixonado, pelo esforço com que conduz sua profissão. Se um desses alunos for convidado a se retirar da sala, ou até mesmo, se for o caso, da faculdade,

creio eu, os demais pensarão antes de agirem assim de forma descompromissada e desrespeitosa.

Minha esperança foi, sim, posta à prova e quase sucumbiu às atitudes de alguns alunos numa e noutra sala, mas eu acordei a tempo de perceber que eu deveria soltar o anzol que me fisgara e mergulhar mais fundo em busca de companhia e de novos rumos. Foi o que fiz. Meu coração deu pulos de alegria ao lembrar que a maioria de meus alunos tem um carinho todo especial por mim e eu por eles. Pulou de felicidade ao lembrar as diferentes vezes em que um ou outro aluno chegou para mim e disse: “Professora, volta pra nossa turma”; “Professora, você nunca mais vai dar aulas pra nós?!” ou então: “Professora, agora sim tô compreendendo este conteúdo”.

Meu coração deu saltos de alegria incontida quando se lembrou ainda de duas circunstâncias que considero especiais. Primeira, do olhar de uma aluna, no final do ano de 2006, ao dizer para mim: “Professora, obrigada por ter acreditado em mim, por ter me incentivado a escrever. Eu nunca pensei que eu fosse capaz e hoje eu vejo o quanto meu texto melhorou”. Segunda, do beijo de uma aluna³, quando eu disse que os equívocos que ela cometera no texto não representavam quase nada diante do avanço que ela estava apresentando.

Minha esperança foi posta à prova, sim, mas não sucumbiu! Quando me vi mergulhada neste novo rio cheio de peixes de todas as cores, nem olhei mais os anzóis que quase me fisgaram. Meus olhos agora visualizavam a imagem de outros alunos em outras salas de aula. E é, também, por esses alunos, que estou aqui preparando minhas aulas em pleno domingo de sol. Sei que não estou perdendo meu tempo. Pelo contrário, se não concordo com esse tipo de “educação”, devo tomar algumas atitudes, afinal, não sou peixe ornamental... Estou acostumada com corredeiras e vazantes... Portanto, não será um anzolzinho à toa que me tirará deste rio e nem tirará o gosto pelo nado. Neste momento, já nasce em mim um desejo...

³ Já relatei esse fato no artigo “Ressignificação da leitura, do leitor e do texto no contexto da sala de aula”, publicado pela Revista Norteamentos em Sinop, MT, 2008.

DESEJO – pensando o futuro

Não sei como as pessoas conseguem viver, trabalhar, sem estarem apaixonadas. Eu não consigo. Em qualquer direção, é a paixão que me move. Preciso estar entusiasmada⁴ com o que faço, senão desisto. E, se é verdade, como Freud preconizou, que “o sujeito constrói o objeto do seu amor”, preciso “construir” a sala de aula que eu desejo, incentivando os acadêmicos a adquirirem já um novo perfil. E já estou providenciando isso. Uma de minhas atitudes é a escritura deste artigo. Desejo que meu aluno leia-o sem precisar que eu “force” a leitura, levando o texto para a sala de aula, mas, se for necessário, assim o farei. A outra, irei escrever uma palestra para o início do ano de 2010: “O perfil do aluno universitário”. Quero receber os novos alunos dialogando com eles sobre o papel deles na universidade.

Escrevi, no início deste artigo, que não estava escrevendo para meus colegas, professores, mas também sei que eles, muitos deles, peixes como eu, lerão este texto e é, pois, para eles, este desejo: Sei bem que, sozinhos, o nado se torna difícil: às vezes encontramos águas turbulentas e é necessário ficar em cardume para conseguir atravessá-las; às vezes a fome é tanta que podemos nos enganar, peixe que somos, e nos deixar fisgar por um anzol de um pescador desajuizado. Às vezes encontramos peixes maiores e, se não ficarmos juntinhos, em cardume, corremos o risco de sermos devorados... Sei bem, caros colegas professores, os riscos que corremos, por isso, o meu desejo é que todos nós, juntos, possamos dizer “Chega!”.

Chega de aceitar trabalhos copiados ou de, simplesmente, permitir que o aluno o refaça. Plágio é crime. Permitir que o aluno refizesse o trabalho até pode parecer que é uma forma de educá-lo. Mas não o é. Talvez o seja para alguns, mas não será para muitos. Segundo Werneck (1997, p.17), “a construção do saber, o aprender a aprender e o aprender a ser fazem parte de um processo onde o aluno é ativo, o professor é animador, a avaliação ocorre em processo e o cidadão é construído na vivência com

⁴ A palavra entusiasmo tem origem grega: entusiasmo (Em – dentro; Thusi – Deus; Asmo – ar dentro) e significa: “Sopro divino movimentando dentro de mim”. É acreditar no sentido da possibilidade: fé é o que fundamenta, é o que tem fundamento.

liberdade e responsabilidade". É necessário que o aluno perceba "o crime" que cometeu e seja "punido" por ele. Do contrário, continuaremos com nossa fábrica de alunos-papagaios que só sabem copiar o que outros fizeram. Eu tenho dito aos meus alunos que, numa faculdade, o aluno deve ser "cricri", isto é, crítico e criativo. Competência crítica e criativa se cria, não pode ser vista como dom. Entretanto, como criar essas competências copiando textos de outros?

Afirma Werneck, em "Tornei-me pessoa" (1997, p.65), que "nessas sociedades de terceira onda⁵, onde a criatividade é mais necessária, a educação personalizadora é a mais adequada, porque permite ao educador facilitar o crescimento do aluno. Não mais são estabelecidos os caminhos a serem percorridos, mas será o aluno que abrirá as próprias estradas, construindo-as com a sua criatividade". Como o aluno conseguirá abrir as próprias estradas se se aceita trabalhos copiados, "colas"; se se perdoa o desrespeito dele com os colegas e com os próprios professores? Será que alguém que não conhece (ou não valoriza) palavras como ética, cidadania, dever será capaz de construir sua própria estrada? Não estaríamos nós, professores, andando na contramão dessa estrada?

Para Werneck (1997, p.66), nessas sociedades de terceira onda, é necessário estabelecer parcerias. Diz ele: "o elemento personalizador entra em cheio nesse processo, porque estabelece a parceria maior entre educador e educando, criando em sala de aula uma equipe em parceria, uma célula de produção". Será possível estabelecer parcerias em sala de aula com um grupo de alunos arruaceiros, descompromissados? Será que ainda continuaremos vestindo nossos uniformes de super heróis e cuidando desses alunos como se eles fossem apenas vítimas de uma sociedade desumana e cruel? E nós, professores? Quem olhará para nossos dramas pessoais? Para as nossas noites em claro corrigindo provas, elaborando aulas, estudando? Com isso, não estou afirmando que devemos maltratar alunos, ir para

⁵ Hamilton Werneck, no capítulo 14 – Reconstruindo o equilíbrio dos lados do cérebro – enfatiza, retomando Alvin Toffler, que, para uma educação substancial, é necessário perceber em que paradigma a sociedade está organizada. Diz ele que uma sociedade de primeira onda está voltada para o ato de sobreviver – plantar, colher – trabalha para poder continuar viva. Uma sociedade de segunda onda é a do fazer, das fábricas, da transformação, onde perpetua o paradigma mecanicista-dominador. A de terceira onda é própria da sociedade do lazer, da computação, onde os processos mecânicos são executados por robôs, cabendo ao ser humano a criatividade.

a sala de aula com aquele olhar carregado, rancoroso. Pelo contrário, mas é preciso lembrar que amar também exige crítica. Perdoar não significa dizer “eu perdoo”; o papel do educador não é o de um deus. Não temos de perdoar. Podemos compreender sim, mas aceitar os transtornos que vim discutindo é contribuir, a meu ver, para maiores irregularidades vida afora.

Nessa perspectiva, entendo que “bronca” também não resolve a questão. Portanto, chega de “dar bronca”! Às vezes passamos toda uma aula pedindo silêncio e nada! O barulho, a algazarra, o alarido sem sentido continua. Penso naquele aluno, peixe como nós, querendo nadar e não conseguindo porque encontra um pescador engraçadinho que não sabe (ou não se importa) que, em época de piracema, não se pode pescar e, ainda assim, fica ali jogando o anzol, tentando iscar o peixinho desavisado com a piadinha fora de hora, com os casos do fim de semana ou com um pente e uma fitinha roxa para “arrumar” o cabelo da colega ou, ainda, com um *gloss* e um espelho para chamar a atenção para si. Sejam “policiais” firmes: Quer pescar? Que pesque na época certa! E que não jogue a rede a torto e a direito.

Chega de ler textos com os alunos em sala de aula! A aula deve ser preparada em casa e nós a preparamos. Se nós cumprimos nosso papel, por que eles não cumprem o deles? É certo que, como afirma Perrenoud, numa sociedade em crise, a educação é um exercício de “equilibrista”, mas não podemos nos colocar em corda tão bamba e muito menos nos fazer de missionários e “catequizar” os alunos. Portanto, chega também de dar “resumos”, “questionários” para os alunos estudarem para a prova. Resumir e interrogar o texto é papel deles. Não nosso! Nós já fizemos isso quando preparamos as nossas aulas. Portanto, passar nossos eslaides para os alunos é passar o resumo de todos os textos que tivemos de ler para fazer tais eslaides. Esclarece May (1999, p.101) que “um modo de defender-se contra os abusos de alguém é não realizar coisa alguma de que a outra pessoa consiga apossar-se”. Precisamos criar, “forçar”, se for o caso, situações que facilitem verdadeiras aprendizagens, tomadas de consciência, construção de valores, de uma identidade moral e cívica (PERRENOUD, 2000, p.142).

Chega de “levar desaforo pra casa”! Aluno “sem educação”, desrespeitoso deve ser punido. E, para isso, devemos falar com ele sobre a falta de respeito que ele cometeu e, se não resolver, encaminhá-lo para a autoridade competente. Nunca “bater boca” com ele, mas jamais admitir o desrespeito, porque, de acordo com Werneck (1997, p.76), “a escola não é só um lugar para se ensinar, mas, sobretudo, para se educar, para se socializar a pessoa”, afinal,

[...] as escolas tem a necessidade de estabelecer algumas normas de convivência entre seus membros, sejam educadores ou educandos. A isto podemos chamar de limites, ou seja, espaços físicos e morais de dispersão das pessoas enquanto participantes de um conjunto humano. A personalização não significa fazer o que o aluno deseja, quando deseja, mas fazer quando o coletivo permite e saber conjugar seus interesses com os interesses comuns. (WERNECK, 1997, p.28).

E se existe a necessidade de se criar algumas normas de convivência entre educador e educando, é porque são essas normas que possibilitarão “construir a liberdade com responsabilidade”. Entretanto, é necessário perceber que “é a formação para a cidadania que imprime no educando a marca de um ser consciente, participativo e muito menos vulnerável no século futuro, onde em cada espaço menor de tempo ele será levado a tomar decisões vitais” (1997, p.29).

Nesse sentido, é preciso perceber também que um aluno que não tem um perfil de universitário e que não quer construí-lo prejudica o trabalho da equipe e, em sendo assim, é preciso que ele perceba a necessidade de respeitar o bem comum. E isso se chama normalização, e não “domesticação”, como pode parecer.

Educar é comprometer-se com o educando, sobretudo com aqueles que desejam aprender, proporcionando todas as oportunidades para a aprendizagem e para a dominação de situações cada vez mais complexas. Educar não se reduz, como afirma Werneck

(1997, p.20), a “dar show de sabedoria ante as platéias. Ser personalizador é considerar a pessoa de quem se educa, tratá-la como gente, com deveres e direitos [...]”. Portanto, chega de “doação” de conhecimento, chega de concessões, chega de tolerância. Como bem escreveu Morin (2000, p. 102), “a tolerância vale para as ideias, não para os insultos, agressões ou atos homicidas.” Chega de insensatez! É necessário perceber que:

Educar para compreender a matemática ou uma disciplina determinada é uma coisa; educar para a compreensão humana é outra. Nela encontra-se a missão propriamente espiritual da educação: ensinar a compreensão entre as pessoas como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade. (MORIN, 2000, p.93).

Ora, como educar para a compreensão humana se não há colaboração, espaço para o diálogo, para a discussão? Morin explica que, para o desenvolvimento da compreensão, é necessário uma “reforma planetária das mentalidades” e que esta é a tarefa da educação do futuro, a qual “deve-se voltar para as incertezas ligadas ao conhecimento”⁶. Para tanto, a

[...] a sala de aula deve ser um local de aprendizagem do debate argumentado, das regras necessárias à discussão, da tomada de consciência das necessidades e dos procedimentos de compreensão do pensamento do outro, da escuta e do respeito às vozes minoritárias e marginalizadas. Por isso, a aprendizagem da compreensão deve desempenhar um papel capital no aprendizado democrático. (MORIN, 2000, p.112-113).

⁶ Para mais esclarecimentos a esse respeito, sugiro a leitura dos capítulos III, IV e V do livro de Morin: *Os sete saberes necessários à educação do futuro* (2000) e, ainda, *Pedagogia da Terra*, de Moacir Gadotti (2000).

Uma educação humanizadora, voltada para a reforma planetária, implica “noção ética: o que deve ser realizado por todos e em cada um”. Por isso, a necessidade de fazer o aluno racionalizar seu estar numa faculdade, no mundo, mas “a verdadeira racionalidade não é apenas teórica, apenas crítica, mas também autocrítica” (MORIN, 2000, p. 24), porque

é necessário aprender a “estar aqui” no planeta. Aprender a estar aqui significa: aprender a viver, a dividir, a comunicar, a comungar [...] Precisamos doravante aprender a ser, viver, dividir e comunicar como humanos do planeta Terra, não mais somente pertencer a uma cultura, mas também ser terrenos. Devemos nos dedicar não só a dominar, mas a condicionar, melhorar, compreender. (MORIN, 2000, p.76).

Nessa perspectiva, a sala de aula numa faculdade surge como espaço do pensar e do fazer, do debate e da crítica da produção social, do confronto de ideias, das interrogações e da busca de alternativas para o mundo da produção e para a existência social e individual (COELHO, 1999).

Considerações finais

Ser professor no ensino superior é um desafio, dadas as dificuldades que apresentei neste artigo. Entretanto, apesar dos conflitos, devo dizer que é extremamente prazeroso mergulhar neste rio e encontrar aqueles peixinhos de olhos curiosos e ver que a curiosidade dos olhos deles ganha novo brilho quando descobrem que eles podem nadar e, em segurança, descobrir nas águas, às vezes não tão claras e límpidas, o quanto o nado é gratificante.

Como eu tenho consciência de que “nenhum de nós escapa aos conflitos, de vez em quando, mas isto é diferente de ser compulsivamente impelido pelas emoções” (MAY, 1999, p.93), vou continuar tentando encontrar novas formas de me encantar novamente pela educação. Se o artigo que escrevi “Será que o rei continua nu”, em que eu abordo a

necessidade de o aluno vestir realmente a roupa de universitário para não sair depois por aí nu de conhecimento e culpando os professores pelo seu fracasso profissional, não valeu para que alguns alunos “se vestissem” de acordo com a educação no ensino superior... Se a página que criei na internet⁷ não os motivou... Se adicionar os alunos no meu espaço no orkut como uma forma de manter com eles um laço de afeto, que lhes possibilitasse se interessarem mais pelos estudos⁸... Se eles não perceberam que todas as minhas aulas são preparadas com responsabilidade... Se eles não perceberam que não fico lendo textos ou “colando” o que tento discutir para eles... Se eles também não perceberam a minha assiduidade... Se eles ainda não perceberam o respeito com que eu lido com cada um deles... Creio que é hora de mudar! E a mudança exige agora “pulso firme”.

Não desistirei da sala de aula nem desses alunos. Continuarei buscando estratégias de ensino-aprendizagem que possam subsidiar, de fato, o conhecimento deles e despertar neles a responsabilidade e o desejo pelo aprender.

O que quero dizer é que “tornar-se pessoa” é um empreendimento interior, pode até começar por fora, com a educação, por exemplo, e eu continuarei fazendo as minhas tentativas, mas se não for sentido por dentro, não terá efeito no ser. É necessária a autoconsciência. É necessária uma reorganização íntima. Cabe, portanto, a eles, aos alunos, perceberem-se como pessoa. Escreve May que

o homem deve fazer suas opções como indivíduo, pois a individualidade é uma das facetas da autoconsciência [...] tal consciência é sempre um ato singular – nunca sei exatamente como você vê a si mesmo e você nunca sabe exatamente como eu me relaciono comigo próprio. [...] precisamos encontrar em nós mesmos a força para permanecer como indivíduos neste nosso santuário íntimo. E isto significa que, uma vez que não nos fundimos automaticamente como nossos semelhantes, precisamos aprender a amar-nos uns aos outros por nossa própria decisão. (1999, p. 78).

O passo fundamental para a conquista da liberdade interior é “optar por si mesmo”. E é isso que eu desejo: que eles reconheçam-se como alunos do/no ensino superior, que consigam transpor a ponte entre o senso comum e o conhecimento científico, mas que essa travessia seja na base do estudo verdadeiro. Que eles se vejam como peixes, mas jamais sejam peixes em aquários ou que se deixem fisgar por anzóis enferrujados ou por pescadores em época de piracema. Ainda é tempo!

Referências Bibliográficas

- BUENO, Moisés José. *Diálogos e conflitos: professor/aluno no ensino superior*. Disponível em: <<http://br.monografias.com/trabalhos908/dialogos-e-conflitos/dialogos-e-conflitos.shtml>>. Acesso em: 03.fev.2009.
- COÊLHO, Ildeu Moreira. *Realidade e utopia na construção da universidade*. 2.ed. Goiânia: Ed. da UFG, 1999.
- COSTA, Ileana Cristina Pavelski. *As concepções dos alunos do ensino superior sobre o processo de ensino e aprendizagem*. Disponível em: <http://www.biblioteca.pucpr.br/tede//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=365>. Acesso em: 12. jan.2009.
- GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da Terra*. São Paulo: Peirópolis, 2000.
- KUNDERA, Milan. *A insustentável leveza do ser*. Tradução de Tereza B. Carvalho da Fonseca. 42. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- MAY, Rollo. *O homem à procura de si mesmo*. Tradução de Áurea Brito Weissenberg. 25. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- PERRENOUD, Philippe. *10 novas competências para ensinar*. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- WERNECK, Hamilton. *Tornei-me pessoa – as cicatrizes fazem parte do passado*. Petrópolis- RJ: Vozes, 1997.

Aceito em: 03.06.2010

